MÍDIA, SEXUALIDADE E IDENTIDADE DE GÊNERO: REDES DE MEMÓRIA E (RE) ATUALIZAÇÃO DE DIZERES SOBRE O SEXO NA REVISTA *MEN'S HEALTH*

MEDIA, SEXUALITY AND GENDER IDENTITY: NETWORKS OF MEMORY AND UPDATE OF SAYINGS ABOUT SEX IN THE MEN'S HEALTH MAGAZINE

Leila Karla Morais Rodrigues Freitas[1]

RESUMO: Neste artigo optamos por investigar discursos acerca da sexualidade (re) produzidos na revista masculina *Men's Health*, cuja veiculação aponta para um processo de (re)construção das identidades de gênero. Pretendemos, com isso, evidenciar as estratégias de que se utiliza a agência midiática para "forjar" os sentidos sob os quais se ancorarão os sujeitos homem/mulher a partir do componente sexo; efeitos estes que dão/darão vazão a novos estatutos de masculinidade e feminilidade e/ou ainda ratificarão antigos paradigmas. Partimos do edifício da AD francesa, a partir do qual travamos um fecundo diálogo com as Teorias de Gênero e os Estudos Culturais.

Palavras-chave: identidade de gênero; sexualidade; memória; discurso; mídia.

ABSTRACT: In this article we decided to investigate discourses on sexuality (re) produced in men's magazine Men's Health, whose placement suggests a process of (re) construction of gender identities. We intend, therefore, highlight the strategies that the agency uses media to "forge" directions under which the subject is anchor man / woman from the sex part, these effects that give / give vent to the new statutes of masculinity and femininity and / or ratify the old paradigms. We started the building of AD French, from which fought a fruitful dialogue with the Theories of Gender and Cultural Studies.

Keywords: gender identity; sexuality; memory; speech; media.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ser homem e/ou ser mulher, destinos traçados por força da natureza aos quais (nós) os indivíduos precisam trilhar. Certo? Errado! Essas prerrogativas utilizadas

[1] Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Integra o Grupo de Estudos do Discurso da UERN (GEDUERN). Graduada em Letras e Ciências Sociais. Professora da rede básica de ensino do estado do Rio Grande do Norte.

para explicar a divisão de sexo e justificar a desigual repartição de papéis na esfera social não vigoram mais – pelo menos não de forma absoluta como outrora – nos nossos dias. As transformações transcorridas em diversos campos de saberes, poderes e dizeres ao longo dos tempos, sobretudo dos dois últimos séculos, alteraram substancialmente as formas de conceber, organizar e representar o mundo e os sujeitos. A rede de saberes sobre o sexo é uma das mais afetadas em meio ao turbilhão de mudanças em curso. Movida por ventos cálidos e intensos, ela teve que (re) alocar-se ao sabor das circunstâncias. Na montagem do novo cenário, a aparição de uma nova personagem, composta por elementos e conceitos outros, rouba a cena e marca o princípio de sua derrocada. Eis que emergia a noção de Gênero, mais tarde transformada em categoria teórico-analítica como nos relata Louro (2002), para (des)construir o mito do Determinismo Biológico em que se ancorava a binária divisão dos sexos.

De lá para cá a tendência à complexificação se manteve com ímpeto desmedido no que se refere à trama relacional de gênero, acentuando ainda mais as rixas e as fissuras estabelecidas nesse terreno. E, mesmo em meio a discussões de toda sorte, (in)conclusões jazem ainda em andamento.

No que respeita às identidades (de gênero ou não) uma definição – precisa e invariável – parece ser uma missão cada vez mais impossível, haja vista a dinâmica que marca a sociedade na atualidade. De fato, em tempos de pós-modernidade, as identidades não podem ser concebidas senão como entidades fragmentadas, voláteis e múltiplas, conforme nos assevera Hall (2006; 2009). Assim entendida, insiste o autor, a identidade é hoje uma entidade em crise, cujo conceito opera "sob rasura". Essa crise de que fala o teórico apóia-se no fato de que "as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno" (HALL, 2006, p. 7).

Embaladas pelo movimento de (re)configuração identitária, as identidades masculina e feminina vêm sendo continuamente (re)formuladas, (re)engendradas. Dentre as muitas instâncias (discursivas) responsáveis pelo (por esse) (re)agendamento identitário, a mídia ocupa lugar central. Responsável pela (re)produção de uma ampla gama de discursos circundantes no seio social, ela mexe nas redes de sentidos já estabilizadas com vistas à promoção de outros "novos" efeitos de sentido; efeitos estes que dão/darão vazão a novos estatutos de masculinidade e feminilidade e/ou ainda ratificarão antigos paradigmas.

Antes de prosseguirmos, cumpre-nos salientar que a identidade tal como a concebemos, resulta de um processo que se erige no e pelo discurso, em meio a relação entre sujeito e práticas discursivas. Partindo, pois, do pressuposto de que "as identidades são ponto de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós" (HALL, 2009, p. 112) é fundamental que as analisemos à luz dos locais históricos e das redes discursivas que as encetam.

Ante ao exposto, optamos por investigar, aqui, discursos acerca da sexualidade (re)produzidos em revistas, cuja veiculação aponta para um processo de (re)construção das identidades de gênero. Pretendemos, com isso, evidenciar as estratégias de

que se utiliza a agência midiática para "forjar" os sentidos sob os quais se ancorarão os sujeitos homem/mulher a partir do componente sexo. A título de esclarecimento, elencamos para compor o nosso *corpus* a mídia em sua vertente impressa. A fim de "flagrar" o jogo discursivo operado por ela, mobilizamos matérias exibidas na revista masculina *Men's Health*. Nosso embasamento teórico advém, especialmente, do edifício analítico-conceitual da Análise do Discurso de origem francesa, a partir do qual estabelecemos um fecundo diálogo com as Teorias de Gênero e os Estudos Culturais.

1 AS IDENTIDADES DE GÊNERO E SEUS CONTORNOS AO LONGO DA HISTÓRIA

Alicerçadas nos pilares da desigualdade e da inequidade, as identidades de gênero carregam as marcas históricas de uma cisão radical e profunda; cisão esta que abriu fissuras que parecem irreparáveis. Com efeito, a divisão binária dos sexos se ergueu como uma espécie de muralha intransponível, indestrutível. Sustentada em mitos que se "eternizaram" no universo simbólico-cultural – material ou mesmo imaterial – essa milenar repartição responde pela lógica arbitrária de ordenamento social que dispõe homem e mulher em lugares distintos, opostos, na esfera da vida em sociedade. Baseada em princípios fundados no que Bourdieu (2009) chama de dominação masculina, essa divisão vem se sustentando por anos a fio, mesmo após ter sofrido severos ataques oriundos de Movimentos como o Feminismo. Sem dúvida alguma estes e outros ataques provocaram abalos profundos na estrutura que dá sustentação a esse imenso sistema de dominação, não sendo suficientes, entretanto, para promover a sua derrocada. E, a resistência/permanência desse modelo se deve, de acordo com o autor, ao fato de que "a ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça [...]" (BOURDIEU, 2009, p. 18).

Para além disso, o princípio de divisão dos pares, a partir do qual esse sistema de dominação se instalou, vislumbra uma separação perfeita entre o masculino e o feminino, concebendo-os como entidades "autônomas", dissociadas uma da outra, apoiado numa perspectiva meramente biológica. Esse fato, por si só, já nos fornece fortes indícios da parcialidade contida nessa lógica notadamente masculina – para não dizermos machista. Parcialidade esta que se revela no tratamento dado a um e a outro: homem e mulher. Dos atributos físicos aos de ordem intelectual, a (essa) lógica sob a qual se organiza o mundo, "forja" indivíduos-sujeitos distintos, aptos a exercícios e a ocupações de papéis díspares com cargas valorativas assimétricas.

Nos termos dessa relação, à mulher - rotulada como o sexo frágil – corresponderiam os lugares do privado, do silêncio, da retidão, do recato. Constituída pela e para submissão, conforme nos relata a historiadora Michelle Perrot (2003), a mulher foi/é um sujeito historicamente silenciado, reprimido. Um sujeito que milenarmente teve que se recolher à sombra da oni/pre/potência masculina, que teve seus desejos castrados na medida em que sua voz não pôde ser ouvida, por incontáveis vezes, sequer entoada.

No outro polo desta trama, nos deparamos com o homem ao qual se destinam/vam os lugares do público, da exposição, da fala. Quis/quer a gigantesca ordem androcêntrica dos sexos que o homem – e somente a ele – fossem concedidos privilégios, "poderes", sobretudo no quadro das relações travadas com a mulher, sua "cara-metade" invertida, inferior. A ação da (dessa) lógica se incide sobre a mulher com tal ímpeto a ponto de transformá-la em objeto de/para o homem, tal como nos alerta Bourdieu, para quem:

> A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser percebido (*percipi*), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. (BOURDIEU, 2009, p. 82).

Todavia, é importante aprofundarmos as discussões aqui entretecidas, sobretudo no que respeita aos mecanismos que dão sustentação às engrenagens do sistema de dominação masculina de que vimos tratando até aqui. Para Bourdieu (2009) a força-motriz que move e impulsiona essa ordem de coisas encontra-se presente em toda a esfera social, "forjada", infiltrada, inscrita nas instituições, nas práticas, nos campos de atuação do simbólico. Assim, no dizer do autor, ela ganha forma e se manifesta no âmbito da imaterialidade a partir dos usos da violência simbólica. As reflexões bourdieunianas se assemelham em alguns aspectos às tecidas por Foucault. Entretanto, há diferenças pontuais que merecem ser explanadas.

Para Foucault (1998a; 1998b) o poder é a peça chave para se pensar não só essa, como muitas outras questões desta natureza. Na percepção do filósofo, o poder está presente por toda a parte como elemento constituinte das próprias relações sociais. Nesse sentido, ele (o poder) não se restringiria a uma entidade, instituição ou organismo concreto, localizado. Antes disso, metaforicamente falando, sua espessura se assemelharia a de grãos de areia que, em sendo pulverizado, assume a forma de partículas de poder às quais Foucault (1998b) denomina de Micropoderes. Quer seja: "o poder é algo que se exerce, que se efetiva, que funciona. E que funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social. Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação" (MACHADO, 1998b, p. 14).

No entendimento de Foucault (2005) as relações são constituídas, também, de/por saberes. Assim concebidos, os saberes são verdades parciais que vigoram em/por determinadas épocas e que se estabelecem em meio a relações de poderes. E, é em meio a essa tensa relação entre saberes e poderes que os discursos são produzidos e, por conseguinte, produzem os objetos e os sujeitos de que se falam e que falam, de modo que as condições históricas e sociais de produção devem ser cuidadosamente observadas, tendo em vista a necessidade de situar os dizeres no tempo/espaço em que aparecem. Ademais, os discursos, na ótica de Foucault (1998a) obedecem/pertencem a uma Ordem de discursividade que determina o que,

quando e onde algo pode ser dito, de modo que as práticas discursivas, todas elas, submetem-se ao crivo deste sistema.

Assim, o panorama explicativo da problemática erigida em torno das relações/identidades de gênero ora enfocada se amplia com as reflexões foucaultianas. Suas ponderações acerca das relações de saber-poder que permeiam as práticas discursivas e, por extensão as não-discursivas, inserem uma outra perspectiva à apresentada anteriormente por Bourdieu[2].

Partindo das ideias de Foucault, conseguimos vislumbrar, pois, a influência decisiva dos discursos na constituição da dominação masculina. Oriundos de esferas/instâncias discursivas diversas como a Medicina e a Religião, por exemplo, os muitos discursos produzidos em diferentes épocas e lugares, ajudam/ram a constituir os saberes, valores, princípios e normas que acercam todo o sistema. Foram eles, juntamente com as demais práticas sociais, culturais, simbólicas, que construíram ao longo da história "as verdades" sobre o sexo, sobre o homem e a mulher e tudo o mais que isso tudo acarreta. E, se mudanças ocorreram e/ou elementos estão ainda inalterados, deve-se às condições histórico-sociais que (in)viabilizam apenas alguns e não todos os dizeres.

2 A SEXUALIDADE ENQUANTO DISPOSITIVO

A sexualidade foi o primeiro e mais eficiente elemento empregado na/para a diferenciação dos pares. Reinante absoluta até a emergência da Categoria Gênero, ela responde pela "legitimação" da concepção tradicional, biologicista de Gênero – a Determinista. A dimensão de seu alcance é tão ampla que, nem mesmo após ter sido posta em xeque pela "virada epistemológica" (LOURO, 2002) que o conceito de Gênero promoveu, conseguiu neutralizar seus efeitos. Pelo contrário, sua presença está/estará, mais do que nunca, garantida nos discursos e nas formas de representação e organização sociais modernas, conforme nos faz saber Foucault (1998b). Tanto é verdade que, em torno dela (a sexualidade) um imenso e poderoso dispositivo se ergue. Um dispositivo respeita a "um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, preposições filosóficas, morais, filantrópicas" (FOUCAULT, 1998b, p. 244).

É nestes termos que se erige o dispositivo da sexualidade. Fruto de um processo que envolve práticas – não-discursivas e, sobretudo discursivas – que vão estabelecer valores, padrões de conduta e de comportamento "legítimas" sobre o sexo, o dispositivo da sexualidade vai se configurar como um mecanismo de controle da/sobre a sexualidade dos/para os indivíduos. Através dela, conforme observa Foucault (1998a) se estabelecem/ram novos saberes, novas "verdades" acerca das

[2] Isso não significa dizer que uma deva ser abandonada em detrimento da outras, mas, pelo contrário, que o diálogo entre estas seja estabelecido e que as contribuições sejam recebidas de bom grado de ambas as partes.

condutas sexuais e morais, que se traduzem, no campo prático, no apontamento do "correto" exercício do sexo. A "normatização" das condutas sexuais, além de regular as ações, interfere diretamente no panorama identitário, na medida em que interpela os indivíduos a assumirem determinadas posições-sujeito engendradas em consonância com as regras fixadas de/sobre o sexo.

A explosão discursiva a propósito do sexo principiada no século XVIII foi, conforme nos afere Foucault (2006), o pontapé inicial rumo à constituição do dispositivo. Dessa época em diante, os discursos sobre o sexo não apenas ampliaram-se em termos de produção e circulação, como se diversificaram, tornando-se múltiplos, plurais. Ora, enquanto ao longo de toda a Idade Média se tinha um discurso unitário, coeso sobre o sexo que se aplicava basicamente às circunstâncias inscritas no/para o matrimônio, na Modernidade, esse discurso se heterogeneiza e passa a ocupar-se de situações e sujeitos diversos, com vistas, sobretudo, a atingir/resgatar os que fogem à acomodação matrimonial heterossexual vigente, como: a criança, o homossexual, o louco. Alvos de uma "vontade de saber", tais discursos ganharam respaldo na/pela Ciência. No rol da *Scientia Sexualis*, o sexo é instituído como objeto de verdade, balizado pela "vontade de verdade" de que goza o discurso/saber/poder científico.

Ademais, o próprio dispositivo da sexualidade é um elemento da (dessa) Ciência Sexual, que, imerso nos diversos campos de atuação discursiva, política, moral, age no sentido de controlar, regulamentar e estabelecer "verdades" sobre o corpo e seus usos mediante o sexo. É nesse sentido que, para Foucault (2006), a sexualidade passa a integrar o campo de ação política, a partir da qual se instituem duas importantes formas de poder vigentes nas sociedades modernas: a Disciplina e a Biopolítica. Permitindo um investimento das técnicas políticas de poder sobre a vida dos indivíduos, por meio do dispositivo tem-se a inscrição do biológico no político e vice-versa, donde se aciona uma rede destinada ao controle do indivíduo em sua esfera humana e social. Sobre tais mecanismos, temos que:

> [...] os mecanismos de poder se dirigem ao corpo, à vida, ao que a faz proliferar, ao que reforça, a espécie, seu vigiar, seu vigiar, sua capacidade de dominar, ou sua aptidão para ser utilizada. Saúde, progenitura, raça, futuro da espécie, vitalidade do corpo social, o poder fala da sexualidade e para a sexualidade; quanto a esta, não é marca ou símbolo, é objeto e alvo. [...] O poder a esboça, suscita-a e dela se serve como um sentido proliferante de que sempre é preciso retomar o controle para que não escape; ela é um efeito com valor de sentido. (FOUCAULT, 2006, p. 160-161).

Nessa perspectiva, pensar a sexualidade, recoberta pelo dispositivo e por todos os mecanismos de que ele dispõe, implica pensar o corpo como *locus* de poder, ou, melhor dizendo, de ação do poder sobre os indivíduos/sujeitos. Em face disto, nos esforçaremos por evidenciar a relação estabelecida entre a mídia e o dispositivo da sexualidade a fim de viabilizar estratégias de controle e vigilância do/para o exercício da sexualidade, sem perder de vista a relação que se estabelece entre a esfera sexual e a identitária (de gênero) para os sujeitos homem e mulher.

3 A PRÁTICA DISCURSIVA DA MÍDIA E O DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE

A mídia é uma das agências discursivas de maior vulto da/na contemporaneidade. Responsável por um trabalho de (re)produção discursiva, suas vozes ecoam vozes dos mais diversos lugares sociais. Por meio de um processo de rememoramento de "já ditos", cujos sentidos estão "já lá", ela (re)enceta outros dizeres, promovendo, sobretudo, a emergência de novos sentidos. O retorno aos sentidos já estabilizados é inevitável, como nos assevera Orlandi (1999), tendo em vista que os sentidos não nascem do/com o sujeito, mas, antes disso, se inscrevem em redes de memória, sendo eles mesmos condição precípua para o brotar de outros (novos) sentidos.

A propósito, é impossível falar da prática discursiva midiática sem fazer menção à memória, uma vez que ela é a condição fundamental para a (re)produção dos discursos midiáticos. Para a analista do discurso Rosário Gregolin esta questão não deve, em hipótese alguma, ser negligenciada, visto que "ela produz sentidos através de um insistente retorno de figuras, de sínteses-narrativas e de representações que fazem parte do imaginário social" (GREGOLIN, 2003, p. 96).

A despeito da memória, aqui e em todo o quadro analítico da AD, ela assume um caráter estritamente discursivo, se distanciando, assim, das abordagens psicologistas assentadas na "memória individual". Conforme argumenta Pêcheux (1999), a memória discursiva não é homogênea, tampouco atua como um reservatório que se nutre do acúmulo de "entulhos"; ela é, outrossim, um lugar de disjunções, deslocamentos, embates, retomadas e contradiscursos; um espaço dinâmico, aberto a rupturas e mudanças. Para além disso, no bojo das práticas discursivas,

> [...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os 'implícitos' (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, diversos, transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

A (essa) dinâmica da memória não permite a aplacação de todos os percursos de sentido que se produzem no âmbito geral dos discursos, haja vista que os sentidos flutuam, escapam, metamorfoseiam-se a cada (nova) montagem/emergência. É isso o que tem ocorrido com os sentidos sobre a sexualidade. Ao longo dos tempos, eles vêm sendo (re)memorados, (re)alocados. O dispositivo da sexualidade tem-se feito presente, maciçamente, nas práticas discursivas, nas quais se inclui a midiática, onde sua força pesa sobre os ombros dos indivíduos-sujeitos, reprimindo-lhes certas condutas e impelindo-os a adoção de outras.

Ademais, o discurso midiático, graças ao prestígio de que goza na Ordem de discursividade social, ganha, no mais das vezes, ares de verdade. Uma vez bem posicionada nas relações travadas na esfera do saber-poder, seu dizer passa a ser portador de uma "vontade de verdade" (FOUCAULT, 2005). Isso implica considerar que a mídia exerce uma influência substantiva sobre a vida dos indivíduos, seja

no âmbito sexual, moral e/ou identitário. Ela instaura saberes, produz verdades, normatiza, regula, hierarquiza.

Lançando mão de estratégias de controle e vigilância, a mídia tem, continuamente, se dedicado a conduzir os destinos da sexualidade dos sujeitos, pontuando, minimamente, uma a uma, suas escolhas, suas posturas/condutas, de modo que o dispositivo da sexualidade tem sido ainda mais intensificado, potencializado por/com ela. Nos últimos anos, o exercício ostensivo da sexualidade parece ser o imperativo em voga, tendo em vista a vasta incidência que demarca sua aparição na trama midiática. É com base na (nessa) prerrogativa de que a mídia veicula o dispositivo da sexualidade com vistas a regulamentar as condutas sexuais dos indivíduos que nos devotaremos a investigar, doravante, as formas de manifestação desse dispositivo no discurso, bem como os trajetos de memória percorridos e a relação que todos esses elementos estabelece com as identidades de gênero.

4 DE OLHO NO CORPUS

Compõem o *corpus* deste trabalho recortes advindos de matérias publicadas na revista masculina *Men's Health*. Ela obedece à periodização mensal e circula em todo o território nacional. A opção pela abordagem da revista não se deu aleatoriamente; muito pelo contrário, fora fruto de uma atitude intencionalmente calculada. Na verdade, nosso interesse consiste em investigar/analisar a forma pela qual se aborda a sexualidade num veículo destinado ao universo masculino para – em observância as peculiaridades determinadas pelo perfil do receptor ao qual se destina – evidenciar os discursos que dela emana, os efeitos de sentido que dela/nela se produzem, as "verdades" que ela veicula e, em última análise, a relação que se estabelece entre tais discursos, as redes de memória situadas no Arquivo da história e as identidades de gênero em (re)construção na atualidade.

Dedicada ao público masculino, a *Men's Health* é uma revista de âmbito internacional, tendo sua circulação – com este mesmo nome independente da língua oficial de cada lugar – veiculada em mais de 40 países. No Brasil, sua tiragem é recente, iniciada em 2006. Outro aspecto que nos chamou atenção e ao qual não devemos negligenciar refere-se à relação entre o título e a linha editorial da revista. Ora, *Men's Health*, convertido para o Português quer dizer Saúde do Homem, o que nos levaria a crer que estaríamos diante de um periódico dedicado sobremaneira – senão exclusivamente, no mínimo majoritariamente – à promoção da saúde masculina. Não que não se fale em saúde na revista; se fala sim. Contudo, ela é apenas uma das tantas outras temáticas abordadas, ocupando uma função acessória na revista. Das demais questões para as quais se volta a revista, destaca-se o sexo. Dono de um lugar garantido no campo indicativo de classificação das matérias, ele transita ainda por diversas outras seções, constituindo-se em alvo de (do) discurso da/na/pela revista. Essa intensa discursivização sobre o sexo foi um dos motivos que nos levou a optar pela *Men's Health* dentre as tantas outras revistas brasileiras. Além disso, o fato de se tratar de uma revista masculina, e de falar muito de/sobre sexo, despertou nosso

interesse em/por investigar o que vem sendo dito/enunciado a este propósito no universo masculino.

A *Men's Health* costuma ser ilustrada por homens jovens, bonitos, de corpos bem definidos, via de regra, parcialmente à mostra. Sorridentes, corados e altivos, tais homens parecem ser a própria encarnação da felicidade, do bem-estar e do sucesso. Costumam dividir a capa com uma gama de enunciados concernentes aos assuntos aos quais se dedica a Revista e/ou mesmo com mulheres. No entanto, em ambas as circunstâncias, não há concorrência à altura de arrebatar-lhes o lugar central da trama, invariavelmente deles.



Figura 1 - Revista *Mens's Health* - Edição n. 56 - Dezembro de 2010

A capa da última edição de 2010 da *Men's Health* marca o início do nosso percurso analítico. Nela e a partir dela, acreditamos ser possível (ante)ver muitas questões relevantes na/da (com)posição discursiva não apenas desta edição, mas, em linhas gerais, da revista em si. Por esta razão é oportuno destacarmos, antes de mais nada, alguns aspectos que, por sua recorrência, constituem regularidades (discursivas/enunciativas) presentes nas capas da *Men's Health*. A revista costuma

ser ilustrada por homens jovens, bonitos, de corpos bem definidos, parcialmente à mostra, como no exemplo acima. Sorridentes, corados e altivos, tais homens parecem ser a própria encarnação da felicidade, do bem-estar, do sucesso. Com o *slogan* "Viver melhor é fácil" *Men's Health* promete ser/ter a solução que faltava para os problemas enfrentados pelo homem "moderno". Embora a revista não faça menção direta, pelo menos nessa edição, ao elemento modernidade, não precisamos ir muito longe para nos darmos conta de que ele está implícito na discursivização da *Men's Health*. Desde a explanação imagética até a disposição enunciativa (linguística), toda a composição se dirige a um novo tipo de homem. Não mais àquele homem estilo machão de outrora, mas a um perfil de homem ora em ascensão na contemporaneidade, cujas preocupações se vinculam aos cuidados com a vaidade, a beleza, o corpo, o bem-estar. As chamadas de reportagem apontam para isso. Por toda parte é possível vislumbrar o apelo da *Men's Health* a questões desta natureza. São dicas de moda, de alimentação saudável, de atividade física, de cuidados com a pele, enfim, tudo aponta para o delineamento de um novo perfil de homem recém-instaurado, ao qual se convencionou chamar por metrossexual (GARCIA, 2004).

A princípio, a revista poderia até ser confundida com uma publicação destinada ao público homossexual, no entanto, um olhar mais atento logo se daria conta de que isso não é verdade, haja vista a perspectiva, invariavelmente heterossexual, assumida na/pela revista. De fato, em parte considerável das matérias veiculadas pela *Men's Health* – mesmo as que não se circunscrevem efetivamente a tal problemática – é possível enxergar uma relação muito forte com a orientação heterossexual. O sexo, a relação homem-mulher e todas as questões que a eles se aplicam parece ser a mola-central sobre a qual tudo se ergue.

Na edição em pauta, por exemplo, ainda na capa nos é dado a perceber o quão presente é o componente sexo no discurso da revista. Além da sua aparição explícita em um quadro localizado à direita da fotografia do rapaz da capa, ele aparece ainda implicitamente, em vários trechos/enunciados. Mesmo quando trata de questões relativas aos rituais do corpo e da beleza, *Men's Health* associa os imperativos da beleza à atividade sexual, à conquista (da mulher), como se pode ver em "Sexo à vista: 5 Truques hipnóticos de sedução". Na parte interna da revista poderemos nos debruçar mais detidamente sobre alguns dos (desses) discursos engendrados na/pela revista. Das quatro matérias vinculadas preferencialmente ao sexo, averiguamos duas delas, com base tanto nos elementos lingüístico-enunciativos quanto imagéticos.



Figura 2 – Revista *Men's Health* – Dezembro de 2010

A figura acima ilustra parte da matéria intitulada de "*FAÇA-A GOZAR EM 15 MINUTOS*". Nela, a *Men's Health* oferece dicas para o homem conduzir a mulher ao prazer em pouquíssimo tempo. Aliás, o tom de mando que marca o discurso da revista possibilita-nos dizer que, mais do que sugerir, ele é empregado para impelir os indivíduos a adotá-los nas suas relações. Os verbos grafados no modo imperativo nos possibilitam evidenciar perfeitamente este aspecto, como temos em: Leve, Provoque, Invista, Falem, Prepare e Mantenha.

Para além disso, o alcance do gozo feminino no tempo estipulado que, na revista soa como uma espécie de proeza masculina, é apresentado ao homem, leitor da revista, como um desafio, algo como uma questão de primeira ordem à qual o homem deve estar atento, como encontramos em: "*Seu desafio é dominar a arte do orgasmo em 15 minutos*". A interpelação feita pela revista ganha ainda mais força à medida que ela convoca vozes/dizeres/saberes oriundos do campo científico. Ora, a Ciência é uma das instâncias de saber-poder de maior envergadura da contemporaneidade, de modo que seu discurso goza de notável prestígio e notoriedade que, como fruto de uma vontade de verdade passa a vigorar como discurso de verdade (FOUCAULT, 2005). Nesse sentido, a menção das pesquisas realizadas por Universidades renomadas acerca dos comportamentos sexuais dos homens e mulheres e, sobretudo, a vinculação destas com as prerrogativas veiculadas pela revista, conferem um alto grau de confiabilidade a sua fala.

No plano composicional urge chamarmos atenção para um outro aspecto, a saber a memória. Não menos importante que o "arranjo" linguístico, seja em nível

sintagmático, sintático e/ou de qualquer outra ordem, interessa-nos o "arranjo" histórico-memorial. Na verdade, o rearranjo, tendo em vista que a fala e o sujeito adâmicos são uma falsa ilusão. Pois bem, um olhar atento sobre o discurso da *Men's Health* é o suficiente para recuperar muitos discursos outros, já ditos aqui, ali, em outros tempos, em outros lugares, mas que, independentemente das circunstâncias, se revestiram de significado, se integraram à rede de sentidos cristalizados na esfera social, única condição para que possam ser (re)ditos, (re)produzidos. Enfatizemos alguns deles. Ora, na discursivização da revista, vemos a (re)atualização de dizeres/saberes sobre o homem e a mulher, por exemplo. Dizeres que por anos a fio vêm respondendo pela divisão dos sexos, pela atribuição de papéis sociais, pela dissimetria nas relações entre os gêneros, dentre outras questões.

No nosso grande Arquivo histórico-social, o sexo é considerado "coisa de homem", a mulher é um sujeito passivo sem direito ao prazer, instrumento de/para a procriação. Parte desse discurso pautado no sistema de dominação masculina (BOURDIEU, 2009) de base androcêntrica e/ou machista é rememorado agora na/pela revista permanecendo quase intacto. Outra parte sofreu mudanças importantes que vêm sendo delineadas ao longo da história.

Ora, na fala da *Men's Health,* o homem, como outrora, continua assumindo o lugar do ativo da relação, o sujeito que está no controle da situação (da mulher e, por conseguinte do prazer dela). Esse dizer é reforçado ainda nos/pelos elementos visuais. A imagem veiculada na matéria remete à ideia de superioridade masculina, de que o homem é o ditador dos termos da relação com seu par, inclusive na esfera da vida sexual. Nela, o posicionamento da mulher denota submissão, susceptibilidade. Deitada, supostamente "recoberta" por um homem que estaria sobre seu corpo, a expressão de seu rosto sugere a vivência de um momento de intenso prazer, semelhante a uma espécie de transe. Dedos de uma mão ao que tudo indica masculina dedilham por entre seu queixo e boca, numa simulação de controle que permite inferir que o prazer da mulher está (literalmente) nas mãos do seu parceiro. Dele adv/ém/iria o poder, a condição de um exercício satisfatório do sexo. Em suma, ele seria o protagonista, ela a coadjuvante.

No entanto, desestabilizando as redes de sentido residentes na memória, o discurso da revista aponta para a inserção de um outro componente na relação sexual e/ou amorosa entre os pares. A mulher, embora ainda em pé de desigualdade com o homem, é apresentada como um sujeito do/para o prazer. Um sujeito que tem desejos que precisam ser satisfeitos e que vão muito mais além que uma simples e direta penetração. Daí se tem a inserção de elementos adicionais, por vezes concebidos, sobretudos pelos homens, como inúteis, acessórios como as carícias, as trocas de beijos, as ditas preliminares. Nessa perspectiva, o homem é chamado a exercer sua sexualidade, sua virilidade de outro modo. Agora não importa mais (apenas) o ato a qualquer custo, a demonstração da sua potência, mas, a satisfação que deve "promover" nela.



Figura 3 - Revista *Men's Health* - Edição n. 57 - Janeiro de 2011

Em 3 temos mais uma capa da *Men's Health*. Desta vez, além da enxurrada de enunciados, o homem – seu protagonista e alvo – divide o espaço com uma mulher, o que não é algo inusitado em se tratando da revista em questão, tendo em vista que essa configuração já faz parte do repertório dos modos de apresentação ao público. Contudo, é importante salientar que essa aparição (feminina) não representa a queda da supremacia masculina, materializada no plano visual. Antes disso, ela serve-lhe de reforço. A imagem em tela nos remete a uma cena clássica do nosso universo social: a de um casal heterossexual, feliz, o par perfeito chamado. E, para além disso, nos chama atenção a retomada de outros elementos, como o posicionamento dos sujeitos e suas vestimentas. O homem, como é de praxe na revista e mesmo em outros lugares sociais, aparece exibindo apenas parte do seu corpo, aquela que parece ser a mais desejada, apreciada pelas mulheres – o tronco, incluindo-se aí o peitoral, a barriga chapada e seus braços cheios de músculos. Já a mulher é disposta em trajes menores que lhe deixam à mostra boa parte do seu corpo. Embora não se tenha uma exploração muito incisiva a determinadas áreas do corpo feminino consideradas "armas de sedução" como o bumbum e o seios, por exemplo, não

há como negar a relação que se estabelece entre a (esta) composição/disposição imagética da mulher com discursos desta natureza que colocam a mulher como um sujeito matreiro, astucioso que se utiliza do corpo para angariar o que deseja junto ao homem, tal como o discurso bíblico que explica a origem do pecado.

No que tange à postura dos sujeitos, alguns elementos merecem destaque, sobretudo em função da relação que estabelecem com redes de memória. O homem, no alto de sua imponência, é o pilar sobre o qual se apóia a mulher. Esta, abraçada parcialmente ao seu corpo, demonstra toda sua fragilidade, sua insegurança. A segurança, o carinho, o afeto, a força de que tanto necessita parece advir exatamente do seu parceiro que a conforta e a mantém protegida ao seu lado.

Tal (re)encenação nos conduz a toda uma teia de sentidos, de discursos que, graças a sua inscrição na memória torna possível tanto a veiculação como a análise destes dizeres, aqui materializados via imagem e cujos efeitos de sentido extrapolam esta esfera, à medida que alcançam o âmbito das representações sociais, contribuindo para o (re)agendamento identitário de gênero. Pois bem, se o estilo composicional visual remete-nos a outras e antigas imagens, dizeres, representações de gênero, velhas e boas conhecidas nossas de longas datas, os enunciados, a exemplo do ocorrido na edição analisada anteriormente, contemplam diversos aspectos da constituição/relação de gênero, dos quais merecem destaque os que remetem ao sexo. Das muitas menções a propósito do sexo encontradas no interior da revista, nesta edição, optamos por analisar a matéria principal circunscrita à seção destinada a falar de sexo, cuja chamada é feita sempre ainda na capa.



Figura 4 - Revista *Men's Health* - Janeiro de 2011

"MAIS SEXO, SEMPRE: 5 Jeitos de incendiar a relação". È assim que *Men's Health* (a)enuncia a (essa) matéria parcialmente ilustrada pela figura acima. E, para nossa surpresa, ao chegarmos à página indicada pela revista para essa reportagem, nos deparamos com outros enunciados que, a princípio, parece não estabelecerem relação alguma com a temática enfocada – o sexo. Entretanto, um olhar meticuloso lançado sobre tal matéria, a começar pelo trecho apresentado em 4, logo se dará conta de que, apesar da mudança ocorrida em nível enunciativo, o objeto do discurso permanece inalterado. Ora, nesta sessão, os editores da revista prometem aos seus leitores uma abordagem acerca do sexo que, para além de uma mera discussão, apresente estratégias de/para o aumento da frequência deste nas relações. E, estranhezas à parte, é isso mesmo que lhes é oferecido. O enunciado-central que abre a reportagem aponta para isso. Nele, os homens são convocados a modificar, reprogramar suas relações – sejam elas conjugais, amorosas, instantâneas ou de qualquer outra ordem.

A apropriação de termos provenientes do terreno da tecnologia digital se assenta no fato de as informações – aqui transformadas em espécies de dicas – resultarem de pesquisas realizadas na esfera da Psicocibernética e da Neurociência, como bem nos relata a revista. Para além de uma adequação vocabular e/ou correlação com a fonte informacional de origem, o emprego das expressões de comando promove efeitos de sentido de forte impacto sobre as representações/relações de gênero. Elas conferem um tom de automicidade ao discurso da *Men's Health*; tom este que se estende, de acordo com conotação imprimida pela própria revista, à trama relacional e, sobretudo à esfera do sexo. Mais uma vez, é possível vislumbrar a retomada de discursos situados na memória que dispõem a mulher em situação de subsunção em relação ao homem e na sua relação com ele. A *Men's Health* apresenta dicas de/para o homem conquistar a mulher quase que exclusivamente no campo do sexo. Como uma espécie de manual para o sexo, ela pretende (re)ensinar o homem a levar a mulher para a cama. Contudo, no (nesse) jogo de estratégias de sedução encetado pela revista, o que menos se tem são procedimentos de sedução. Antes disso, a proposição disposta apela para a indução. Descartando elementos ligados ao romantismo, paradigma tido como feminino, o discurso da *Men's Heath* alude à mulher como um sujeito inteiramente desprovido de autocontrole, suscetível aos mandos e desmandos masculinos. Os truques que revela são/seriam exatamente para bloquear as ações indesejadas delas, inibir-lhes os comportamentos que afetam, na opinião dos homens, a qualidade da relação, tais como o ciúme, a carência afetiva, a resistência a certas investidas de/para o sexo, dentre outras.

No plano imagético, isso se ratifica. Nele, a (re)tomada e a (re)atuaização de dizeres do Arquivo memorial sobre a história de dominação masculina/silenciamento feminino é latente. Ora, a montagem que vemos na imagem não deixa dúvida de que se trata de uma releitura da dissimetria relacional de gênero, a partir da qual se (re) estabelece a conservação/manutenção dos papéis feminino e masculino nos termos tradicionais desta acepção. Em que pese a percepção do quadro geral erigido via imagem, vale a pena pontuarmos com mais afinco alguns elementos. Pois bem, a mulher com a qual nos defrontamos nesta imagem carrega traços sobre os quais se

fincam estereótipos ainda hoje vivos no seio da sociedade. Citêmo-los então. Na foto temos uma mulher jovem e bonita. Despido, seu corpo não é revelado em sua totalidade, exceto as partes internas de sua mecânica. Encarnando uma espécie de meio humano/ meio máquina, ela nos é apresentada como um ser passível de controle, programável (pelo homem). Seu posicionamento reafirma ainda a (essa) suscetibilidade feminina. Deitada, com os olhos levemente maquiados cerrados, sua postura nos faz lembrar ainda de alguém que se regozija após a vivência intensa do prazer ocasionada pelo ato sexual, ou ainda, de alguém que dorme tranquilamente, mas que pode despertar a qualquer momento com força total pronta para o sexo, como um vulcão que descansa por longos anos até acordar com todo ímpeto para a vida.

5 PARA EFEITO DE FIM

As discussões aqui travadas e análises empreendidas, embora minimamente significativas, nos permitem depreender que as questões atinentes à sexualidade, inserindo-se aí as relações de/entre os gêneros, ocupam lugar de destaque no cenário midiático moderno. Como prática discursiva de relevo, a mídia tem, na atualidade, dedicado boa parte do seu tempo na abordagem dessa problemática, o que a configura como uma importante disseminadora do dispositivo da sexualidade (FOUCAULT, 1998b).

A conotação dada pela revista *Men's Health*, sobre a qual nos debruçamos, é reveladora de aspectos fulcrais do posicionamento da mídia face às relações/ identidades de gênero. A produção discursiva desta revista, nos possibilita(ou) o vislumbre do jogo enunciativo que ela executa, sobretudo no que respeita à sexualidade. Envolta no/pelo fio da memória, sua (re)produção discursiva (re)atualiza dizeres/saberes sobre o sexo que muito contribuem para a (re)definição identitária dos sujeitos homem e mulher. Apesar da inserção de elementos outros "novos" aos modos de constituição de ambos, a observância da composição discursiva da *Men's Heatlh* nos torna aptos a afirmar que o (esse) processo de (re)definição/(re) agenciamento identitário de /para os gêneros que tal revista enceta é atravessado por discursos pautados na lógica androcêntrica/falocêntrica de segmentação dos pares na qual se sustenta a dominação masculina (BOURDIEU, 2009).

Face ao exposto, inferimos que o (re)encetamento das modalidades identitárias de gênero, na revista, carrega, também, as marcas desse atravessamento, de modo que, em meio a novas formas de ser/sentir/vivenciar a sexualidade aludidas, outras, velhas e já bem conhecidas, resistem, sorrateiras, revestindo os discursos e estatutos com vestes de outrora, vestes hegemônicas.

Cumpre-nos ressaltar ainda que o discurso veiculado na/pela revista advoga o posto de verdade. Fruto da (dessa) vontade de verdade e devidamente autorizado pela sociedade para isso, o efeito de sentido que essa sua prática provoca figura mesmo, no final das contas, como verdade irrefutável, embora saibamos que, como bem nos alertou Foucault (2005), ele nada mais é que uma construção (discursiva) arquitetada propositadamente para esse fim. Aproveitando-se da disposição que

a autoriza a entrar no restrito campo da ordem do discurso, tal como nos ensina Foucault (1998a), a mídia se apropria de discursos cujos sentidos já estão alicerçados no âmbito social para, por meio de estratégias peculiares na sua esfera, promover deslocamentos e (re)engendramentos discursivos que resultam, por seu turno, na desestabilização dos "velhos" sentidos e na irrupção de outros tantos possíveis

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1998a.

_____. *Microfísica do poder*. 13. ed. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1998b.

_____. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. *História da sexualidade 1*: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

GARCIA, Wilton. O corpo contemporâneo: a imagem do metrossexual no Brasil. *Mneme – Revista Virtual de Humanidades*, n. 11, 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme/article/viewFile/230/210>. Acesso em: 12 jan. 2011.

HALL. Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 103-130.

LOURO, Guacira Lopes. Epistemologia feminista e teorização social – desafios, subversões e alianças. In: ADELMAN, Miriam; SILVESTRIN, Celsi B. (Orgs.). *Gênero plural*: coletânea. Curitiba: Editora da UFPR, 2002. p. 11-22.

MACHADO, Roberto. Introdução: por uma genealogia do poder In: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998b. p. 7-23.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Maio de 1968: os silêncios da memória. In: ACHARD, P. (Org.). *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999. p. 59-67.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. (Org.). *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-56.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, M. I. S. de.; SOIHET, R. (Orgs.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 13-27.

REVISTA Men's Health. Dezembro de 2010.

REVISTA Men's Health. Janeiro de 2011.